PERIÓDICUS
ISSN: 2358-0844
n. 21, v. 2
jan-jul.2025
p. 303-310

Um apartamento em alto hospício: crônicas de uma mutação piranha[1]

(An apartment in alto hospicio: chronicles of an inter-species mutation)

(Un apartamento en alto hospicio: crónicas de una mutación interespecies)

Ana Paula Garcia Boscatti[2]

RESUMO: Alto Hospício é uma região no deserto do Atacama, Chile, na qual se encontra o maior "lixão" de roupas descartadas de vários países do Norte global oriundas do *fast fashion*, produzidas para serem usadas e jogadas fora. São sessenta mil toneladas de roupas descartadas todo ano, cujo custo ambiental para o Planeta é altíssimo. Nesta crônica são traçadas narrativas sobre a experiência de viver na precariedade. A ideia é pensar o lixo, a *bagaceira*, como um espaço de potência, mas não só. Procura-se identificar o fracasso do neoliberalismo como também uma derrota de gênero. Através da ideia de piranha (o fracasso no interior da categoria mulher), ou piranhidade (como devir) em que se procura construir uma imaginação política que valida as estéticas dos feísmos e da artificialidade *camp* de Sontag, ao mesmo tempo em que são produzidos caminhos teóricos em diálogos com Haraway, Despentes, Anzaldúa e Viveiros de Castro. A proposta é abordar as relações que são tecidas entre peças recicláveis em composição *queer* com outras espécies.
PALAVRAS-CHAVE: animalismo; piranhidade; relações interespécies; combinações queer.

Abstract: Alto Hospício is a region in the Atacama Desert, Chile, where there is the largest "dump" of discarded clothes from several countries in the global north originating from fast fashion, produced to be used and thrown away. There are 60 thousand tons of clothes discarded every year, the environmental cost of which for the planet is extremely high. In this chronicle I trace narratives about the experience of living in precariousness. The idea is to think of trash, *bagaceira*, as a space of power, but not only that. I seek to identify the failure of neoliberalism as also a gender defeat. Through the idea of *piranha* (failure within the category of woman), or *piranhidade* (as becoming) I seek to build a political imagination that validates the aesthetics of pheisms and camp artificiality (SONTAG), at the same time that I produce theoretical paths in dialogues with Haraway, Despentes, Anzaldúa and Viveiros de Castro. The proposal is to address the relationships we weave between recyclable pieces in a queer composition with other species.
Keywords: animalism; piranhidade; interspecies relationships; queer combinations.

Resumen: Alto Hospício es una región del desierto de Atacama, Chile, donde se encuentra el mayor "basurero" de ropa desechada de varios países del norte global proveniente de la moda rápida, producida para ser usada y descartada. Cada año se desechan 60 mil toneladas de ropa, cuyo coste medioambiental para el planeta es altísimo. En esta crónica traigo narrativas sobre la experiencia de vivir en precariedad. La idea es pensar en la basura, la *bagaceira,* como un espacio de potencia, pero no sólo eso. Busco identificar el fracaso del neoliberalismo como también una derrota de género. A través de la idea de *piranha* (fracaso dentro de la categoría de mujer), la *piranhidade* (como devenir) busco construir una imaginación política que valide la estética de los feísmos y la artificialidad *camp* de Sontag, al mismo tiempo que produzco teorías caminos en diálogos con Haraway, Despentes, Anzaldúa y Viveiros de Castro. La propuesta es abordar las relaciones que tejemos entre piezas reciclables en una composición queer con otras especies.
Palabras-clave: animalismo; piranhidade; relaciones inter especies; combinaciones queer.

1 O título é uma paródia ao livro de crônicas de Paul Preciado chamado "Um apartamento em Urano", no qual o autor tece suas percepções sobre habitar o Planeta Urano como um sonho de construção de um espaço no qual se construiria outras epistemologias que fugissem da taxonomia binária que os dispositivos moderno-coloniais instauraram. *Alto Hospício* é uma região localizada no Deserto do Atacama, Chile é uma das áreas de descarte de roupas que mais ascendem no Mundo, em função do despojo da produção em massa de roupas baratas da Europa, Ásia e Estados Unidos, conhecidas como *fast fashion* (moda rápida) ou moda de baixo custo. O fenômeno tem gerado tanto desperdício que as Nações Unidas o chamam de "emergência ambiental e social" para o Planeta.

2 Professora Adjunta no Departamento de Estudos de Gênero e Feminino da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: anaboscatti@ufba.br

Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 13/06/2024
Aceito em 22/08/2024

Uma voz em mim convoca uma multidão de piranhas. Meu[3] corpo humano é a roupagem da minha espécie. Sou lisa, víbora, escorregadia. Nesta forma humana, sou fria, rápida e assassina. Eu me visto com polímeros, maquiagens baratas e acessórios adquiridos *en la Quebradilla*[4] *e* são eles que constituem meu corpo. A piranha se abriga em mim e por isso me torno humana. E a partir dessa forma fugida, me torno predadora de homens.

Não sou boa, nem má, escorro pelas brechas da maldade e da bondade. Não tenho raízes profundas e extensas, sou efêmera. Devoro homens, mulheres, animais, espíritos e plantas porque não tenho corpo, porque invento o corpo daquilo que posso ser. No entanto, encontro em você, todas as partes de mim, todas aquelas que multipliquei e, também, as que abandonei pelos caminhos. Invoco também as suas partes para que me coabitem provisoriamente. Somos um *continuum*. Somos multidão, fluxo e devoração.

Nossa forma não é estável, não pensamos em um corpo e um destino. Somos *piranhidade - devir e movimento* - estamos em um processo de transformação, ressignificação, destruição, reiteração, composição e multiplicação. Somos perspectiva e não universalidade. Temos o comprometimento coletivo em devorar os modos de vida predatórios, os homens e destruir o seu mundo. Pretendemos revelar a farsa dos homens e de seus modos de vida predatórios, para torná-los presa. Por isso, dentinhos pontiagudos, grandes maxilares e mandíbulas poderosíssimas se adornam em mim, para que a partir desse corpo provisório, possa ser vista pelas piranhas como iguais.

A piranha representa uma ameaça ao mundo estabelecido dos homens e suas certezas. O Renascimento, a Ilustração e a Revolução Industrial reduziram os corpos não-brancos, de pessoas escravizadas, e de mulheres, em geral, ao estatuto de animal e de máquina reprodutiva. Assim como um dia o animal foi atribuído como máquina, a máquina se tornou também um animal. Preciado (2019, p. 136) provoca a compreensão de que, progressivamente, a máquina e o animal são os novos sujeitos políticos do animalismo emergente. Já estamos imbricados nessa rede de constituição e subjetivação.

Há muito tempo, as gramáticas branco-patriarcais significaram o estatuto não-humano às mulheres, de maneira pejorativa, classificando-as como vacas, cadelas, éguas, galinhas e piranhas, cujo destino era a reprodução compulsória. No entanto, passamos progressivamente por um processo evolutivo que reconfigurou nos tornando máquinas e animais em composição híbrida. A

3 O texto aplica uma linguagem pessoal que foi mantida na revisão, seja em uso singular ou plural.
4 A *Quebradilla* é uma área localizada em *Alto Hospicio,* Chile, que se destina a comercialização destes produtos descartados em uma imensa feira, muito procurada para revenda, especialmente de roupas, mas também de materiais plásticos, eletrodomésticos e acessórios de moda.

partir desse entendimento, devemos reinterpretar o estatuto de piranhas ou qualquer nomeação que foi operacionalizada, a fim de aplicar políticas de estigmatização, exclusão e morte em potência política. Precisamos renomear a necropolítica que produziu tecnologias de morte dirigidas para transformá-la em necroestética.

Portanto, pretendemos desestabilizar a lógica binária que consagrou o estatuto de humano e animal, de homens e mulheres, de produtores e reprodutores do trabalho. Para isso, é necessário assumir novas composições tecnopolíticas que dissolvem a ideia de "homem" ou de "espécie humana". As perspectivas ameríndias fissuram a ideia estável de corpo, propondo que somos agências subjetivas humanas e não humanas, dotadas de um tipo de alma que atribui a todos conceitos semelhantes na forma de interpretar o mundo. A inter-relação entre humanos e animais pode ser mais mutável e porosa, visto que estabelece que os seres providos de alma reconhecem a si mesmos (e àqueles a quem são aparentados como humanos), mas são percebidos por outros seres na forma de animais, espíritos ou modalidades de não humanos (Viveiros de Castro, 2018).

Dessa maneira, devemos interpretar que os corpos estão em composição e *devir*, e a partir dessa forma volúvel, a piranha pode nos vestir para que na condição humana possamos, entre iguais, tornar presa os animais (neste caso, o que se convencionou como homens). Se no mundo dos homens, as piranhas são o fracasso de gênero (o polo negativo no interior das mulheridades) e o fracasso da espécie humana (que passou a animalizá-la) chegou a hora de devorá-los tal como biomáquinas vivas.

Por isso, procuramos homens (e outras espécies) em esquinas, boates e becos para arruiná-los: devastamos suas contas bancárias e desonramos a sacralidade erguida em nome da família. Nossa eficácia reside em aplicar técnicas de morte de modo exponencial: somos bando, cardume, nos multiplicamos para atuarmos como algozes ferozes e impiedosos. Nossos dentinhos pontiagudos são tão perigosos quanto nosso desejo sexual, nossa vontade pulsante de gozo e (re) composição. Ameaçamos a integridade dos homens reivindicando nosso processo de hibridação com próteses de silicone, garras de fibras de gel, lubrificantes a base de água, carcaças deixadas por peixes maiores e sangue de animais feridos.

Sou toda falsa, você também. Quero tetas imensas, não para reclamar por uma gramática cognitiva de gênero, mas ao contrário, pretendo denunciar a falsidade da categoria mulher já que posso comprá-la a R$1,99 ou recolher as sobras da feminilidade burguesa que são descartadas na imensa pilha de roupas e acessórios aqui em *Alto Hospicio*. *Cam girls*, donas de casa, aeromoças, *instagramers*: todas vêm parar aqui. O farmacopornocapitalismo (Preciado, 2008, p. 35) e seus estímulos de excitação e tédio produzem seus excessos e sobras que chegam de navio no porto

de *Iquique* e vêm para *Alto Hospício* de caminhão - sessenta mil toneladas de *potentia gaudendi* (*Preciado, 2008,*, p. 38*)* - euforia e disforia, gozo e lágrimas por ano.

No entanto, eu habito aqui por escolha, recolhendo e reciclando os restos do lixo burguês que produziu uma taxonomia binária moderna, colonial e consagrou o "homem", a "espécie humana", a "santa" e "puta" no interior da ficção política denominada "mulher".

Aluguei um apartamento em *Alto Hospício* para assistir à abolição lenta do que entendemos tradicionalmente como "espécie humana" ou "homens". Da janela deste apartamento vejo tapetes de algodão sintético, garrafas de plástico, facas, equipamentos elétricos, peças para carros, utensílios de cozinha, peles falsas, frutas e sacos de milhares de roupas com etiquetas de preço. Entendo, já que sou o lixo dos países desenvolvidos. Habitar a *fardovela* significa se compor a fibras de poliéster sintético, criar afinidades políticas com o lixo clandestino que vem da Europa e América do Norte e produzir uma coalizão contingente com o gás tóxico, que emana das roupas queimadas e estabelecer mutações interespécies para também atuar como predadores de homens.

Sou uma habitante híbrida da fronteira entre esse mundo e seu fim. Residir na fronteira, tal como Anzaldua (1987), implica não só negociar múltiplas posições do sujeito como permite também assumir um lado animal e canibal e conduzir práticas sociais orientadas para uma epistemologia de afinidades e conexões. O desejo pela multiplicidade de corpos e experiências reside na fronteira das múltiplas possibilidades, em atravessar, reunir, compartilhar.

Resido junto aos restos da heterossexualidade entediada, tal como produto de um modo de produção que se organiza sob a obsolescência programada de sexo e gênero. Somos um bem não-durável. Apesar disso, passamos por processos de reciclagem para estendermos nosso ciclo de vida. Algumas de nós são, novamente, exportadas para a Europa e os Estados Unidos. No entanto, outras são chamadas de *merma* - o lixo que ninguém quer - as que não se encaixam nas categorias *premium, primeira e segunda mão*[5]. Aquilo que é *merma* é queimado, como foram as bruxas pela Inquisição, os livros da Cassandra Rios para que apaguem seu corpo e sua memória. No entanto, recolhemos os cacos, colamos os pedaços e erguemos um monumento de restos para que se tornem potência.

Por residirem junto às sobras, os bagaços interessam à piranha, pois se apresentam como matéria-prima da sua ação política. Uma das interpretações possíveis atribuem à *bagaceira* o espaço reservado na área em torno dos engenhos coloniais de açúcar nos quais se espalhavam os

5 *Premium*, primeira mão, segunda mão e *merma* são as classificações que as mercadorias ganham na *Quebradilla,* depois de uma apuração e classificação por pessoas que avaliam o que há no lixo. *Merma* se refere, em geral, a produtos usados e desgastados que não são revendidos e, portanto, são queimados. Já todas as outras classificações são precificadas e revendidas tanto em mercados locais como também são novamente exportadas.

bagaços de cana moída para que fossem secos e usados como combustível nas fornalhas. Em sua trincheira existencial, piranhas habitam a bagaceira tal como um ato de reciclagem. Nutrem-se com o que sobra da boa e da má mulher, do lixo, da heterossexualidade, do feminismo excludente e da produção literária irrelevante.

A bagaceira, assim como esse espaço em que habito aqui em *Alto Hospício*, não traduz apenas sobre as dinâmicas de continuidade atuais do sistema mundo colonial, suas geopolíticas de descarte e exclusão - cartografias da desimportância - que versam, sobretudo, sobre viver em precariedade já que a crise é tudo que nos constitui.

A crise é tudo que conhecemos. Somos as filhas derrotadas do neoliberalismo já que nunca esperamos nos tornar uma liderança feminista em espaços de poder, tampouco a funcionária laboriosa, motivada e colaborativa assim como denunciou Itziar Ziga (2009). Nos constituímos crise e nessa nos fortalecemos "...milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam" (Lispector, 1998. p. 12). Somos uma multidão de fracassadas, Macabéias, *uberizadas* dos processos de constituição e expressão de gênero, negligenciadas pela família, pela ausência das políticas de assistência, habitação e previdência. Somos o resto do neoliberalismo que aqui mesmo no Chile serviu como seu laboratório de experimentação (Fassin, 2021).

Sou migrante e refugiada sexual. Primeiro, porque sou estrangeira de mim mesma. Tudo em mim é estrangeiro, já que nego a ideia de nacionalidade: meus olhos são da China, meus pés vêm do Paquistão, meu cheiro foi fabricado no Paraguai, meu hálito é transnacional com representação no Brasil. Sou terceirizada. Não tenho matriz, nem filial, não pago imposto, sou isenta. Sou toda sul-global. Ao longo dessa existência e de outras, construí *heterotopias*[6], inventei espaços e tempos irreais para suportar a mediocridade da ontologia do eu. Como consequência, preferi residir nas possibilidades, pois nelas sou multiplicidade e conexão. E aqui, nesse apartamento na região de *Alto Hospício*, me localizo como uma hospedagem de passagem, porque faço desse espaço-tempo, momento e encontro (ou ainda imagino esse acontecimento). Neste apartamento (que pode ser uma barraca de zinco, um colchão sem lençol ou um caminhão de transporte de carga em movimento) crio a possibilidade de outro espaço, passageiro, fugaz, em que habitamos em recortes do tempo. Esta hospedagem de passagem permite, em sua condição de virtualidade, arranjos inéditos que não se esgotam, se dissolvem e nos compõem. Além disso, em segundo lugar, porque sou uma

6 Foucault (2013) nomeia heterotopias para sinalizar como podemos interpretar certos espaços como um "lugar outro" ou uma "utopia localizada". O autor indica como estes espaços outros articulam poder e saber, seja no campo da psiquiatria ou do direito ou ainda em uma universidade de vanguarda.

proletária da feminilidade (Despentes, 2016). Decidi abraçar o fracasso da taxonomia sexual e de gênero e suas convenções nada empolgantes para residir na multiplicidade do desejo e seus caminhos obscuros.

Posso ter pele escamosa, de forma romboide, comprimida, focinho curto, arredondado, de mandíbula saliente e dentes cortantes. Coloração cinza no dorso e avermelhada no ventre e na região inferior da cabeça. Nadadeiras peitorais, ventrais e, claro, anais. Minha evolução interespécie superou o dimorfismo sexual, portanto não há diferenças visíveis entre os sexos (caso se interessem). Uso vaselina para me manter lisa, lubrificada e para que não seja capturada com facilidade. Meu sangue é composto de partículas de microplástico (com até 50 micra de tamanho). Ao longo dos anos aqui em *Alto Hospício* tenho inalado partículas de polipropileno e polietileno oriundas das embalagens, das roupas e de todo plástico que está em composição comigo em meu *habitat*.

Por isso, me constituí e coabitei essa forma provisória através de fibras sintéticas, polímeros, escamas, nadadeiras, vermes e fungos. Somos o ciborgue de Haraway (2017) feito com peças recicláveis em composição *queer* com outras espécies daqui mesmo de *Alto Hospício*. Cardumes de piranhas em associações multiespécie declaram que o que está em jogo é o desejo pela multiplicidade de si, em corpos, formas, existências, contrassexualidades, animalismos e afetos. Realizar formas de conexões com a alteridade significativa e com outros que as significam em diversas escalas, em camadas de locais, globais e em teias que se ramificam. Assim, assumir alianças parciais com o pós-humanismo denota o potencial de prestar atenção em outras formas de vida, socialidades e mundificações.

Isso significa reclamar o direito a um hibridismo próprio das distintas realidades pelas quais transitam. É acessar a aventura, a energia, a fluidez, a mudança e a revisão dos elementos opostos que a compõem, versando sobre as barreiras/ligações entre pessoas, animais, não humanos, nações e indivíduos, ou seja, é uma fronteira como um *lócus* de resistência, de ruptura, de implosão e explosão também. *Piranhidade* é uma proposta de radicalidade de tornar, dissolver, recombinar, destruir, desejar e compartilhar (Garcia Boscatti, 2024).

Somos uma multidão de ciborgues em relações de parentesco com onco-ratos, banco de dados, sequoias e petrolatos. Encaramos nossa experiência como *mundo do devir-com*. Atuamos orientadas como indivíduos e espécies vêm à existência e persistem nela, não apenas de forma linear, mas como os ramos bifurcantes de uma árvore, assim como através de relações insólitas com uma enorme comunidade multiespécie como indica Haraway (2021). Desse modo, diferentes seres podem se comunicar e se reconhecer como reciprocamente humanos. Estamos em situações de

risco de modo relacional e simultâneo, somos a carne uns dos outros, comemos e somos comidos, estamos em conexão simbiogenética de vida e morte na Terra.

Quando olho da janela em direção ao Mar, no Oceano Pacífico que vejo de longe no horizonte infinito do Atacama, me transmuto na fumaça tóxica das roupas queimadas e reflito sobre o *continuum* de todas as coisas, dos movimentos, dos fluxos e das mutações que nos compõe. Negociamos a vingança na metamorfose e agência de todas as coisas.

Abandonem a ficção do ser humano e estejam em composição com outras formas de vida. Precisamos devorar as perspectivas ameríndias e a física *queer* que está em todas as coisas. Assumam a impermanência e a mutação da vida como fazem as partículas elementares. Permitam ser múltiplas variações de si (em conexão como outros) como fazem prótons ao se transformarem em nêutrons e os nêutrons ao se deslocarem em outras inúmeras formas. Abram-se como suas células, que oferecem exílio para bactérias, vírus e incontáveis transformações genéticas. Somos composição e a ficção dos homens que está em colapso. Precisamos substituí-la e assumir a mutabilidade das nossas formas e habitá-las. Necessitamos abolir os regimes de destruição e os estatutos de produção de verdade para residirmos na multiplicidade e nos desmanchamos no *continnum* de todas as coisas.

Descobri minha humanidade desabitando um apartamento em *Alto Hospício*, já que meu corpo se dissolve junto ao deserto do Atacama e se transfunde, mutante, em diferentes formas. Hoje sou infinita, atravesso mundos, formas e espaços-tempos enquanto assisto os espíritos dançarem a fim de conterem os prejuízos do homem enquanto evitam a queda do céu.

Referências

ANZALDUA, G. *Borderlands/La Frontera:* The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

DESPENTES, V. *Teoria King Kong.* Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições. 2016.

FASSIN, E. Campanhas antigênero, populismo e neoliberalismo na Europa e na América Latina. Tradução: Marina Duarte e Diego Paz. *Cadernos de Gênero e Diversidade.* Vol 07, N. 01 - Jan. - Mar., 2021. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv Acesso dia 12 de junho de 2024.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico.* As heterotopias. pósfácio de Daniel Detert (tradução Salma Tannus Muchail). São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HARAWAY, D. *Manifesto Ciborgue:* Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. *In:* TADEU, Tomaz (Org.).

UNISINOS, 2017. Disponível em: https://vidaboa.redelivre.org.br/files/2018/03/ANTROPOLOGIA-DO-CIBORGUE.pdf acesso em mar. 2025.

HARAWAY, D. *O manifesto das espécies companheiras* – Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Trad. Pê Moreira. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, 184 p.

GARCIA BOSCATTI, A. P.; BARRETO, L. "Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar": Um manifesto pela devoração sexual. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S. l.]*, v. 7, n. 22, 2024. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16226. Acesso em: 12 jun. 2024.

PRECIADO, P. B. *Un apartamento en Urano:* crónicas del cruce. Prólogo de Virginie Despentes. Barcelona: Editora Anagrama, 2019.

SONTAG, S. *Contra la interpretación.* Traducción de Horacio Vázquez Rial. Buenos Aires: Alfaguara, 1996. 231 p.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Antropologia Perspectivista e o método da equivocação controlada Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste,* 5 (10): 247-264, agosto a dezembro de 2018. ISSN: 2358-5587.Disponível em: https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1 acesso em mar. 2025.

ZIGA, I. *Devenir perra.* Barcelona: Melusina, 2009.